

Os nomes gerais vinculados à noção de tempo no falar de Minas Gerais¹

The general nouns of time in the spoken dialect of Minas Gerais

Marcos Paulo Santos²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo a análise de itens lexicais vinculados à noção de *tempo* no português oral da cidade de Caeté, estado de Minas Gerais. Os dados que este trabalho busca identificar são itens nominais que conservam propriedades gramaticais de substantivos, mas que possuem uma definição composta de traços mínimos. Palavras como *época*, *momento* e *tempo* são exemplos de itens analisados. O *corpus* é composto por dados relativos à cidade de Caeté (Minas Gerais), formado a partir de 12 entrevistas orais com informantes de ambos os sexos e de diversas faixas etárias. As bases teóricas são Halliday e Hasan (1995), Fronek (1982), Kleiber (1987), Koch (2004), Mahlberg (2005), Hernández Muñoz (2011), Evans (2004), Amaral (2013) e Heine e Kuteva (2006). Notou-se que nomes como *tempo* ocorrem com grande frequência nos dados, diferentemente do nome geral *período*, o qual apresentou um percentual bem menor de ocorrências. O alto uso de *tempo* está ligado ao fato de que esse nome, além de ter em si a noção de tempo, apresenta uma capacidade referencial maior, que pode expressar *medida do tempo*, *intervalos de tempo* ou até a função de *orientação temporal*.

Palavras-chave: nomes gerais; português de Minas Gerais; tempo.

Abstract: This paper aims at the analysis of lexical items attached to the notion of time in oral Portuguese of the state of Minas Gerais, Brazil. The data that this paper seeks to identify are nominal items that retain grammatical properties of nouns, but have a definition composed of minimum traits. Words such as *época*, *momento* and *tempo* are examples of items analyzed in here. The corpus consists of data relating to the city of Caeté (Minas Gerais), which is formed from oral interviews with 12 informants of both sexes and various ages. The theoretical approach are Halliday and Hasan (1995), Fronek (1982), Kleiber (1987), Koch (2004) Mahlberg (2005), Hernandez Muñoz (2011), Evans (2004), Amaral (2013), Heine and Kuteva (2006). It was noted

¹ Esta pesquisa foi orientada pelo prof. Dr. Eduardo Amaral e desenvolvida no âmbito do projeto “O uso dos nomes gerais (ou genéricos) nos falares mineiros”, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística (NUPEVAR) da FALE/UFMG e ao projeto PROCOPE (Ruhr-Universität Bochum / Université de Strasbourg). Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/nomesgerais>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

² Graduando em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: marcospaulomp02@gmail.com

that words like "tempo" occur very frequently in the data, unlike the general noun "período", which showed a much lower percentage of occurrences. The high use of "tempo" is linked to the fact that this noun, as well as having in itself the notion of time, presents a greater referential capacity that can express "measure of time", "time intervals" or even function of "temporal orientation".

Keywords: general nouns; portuguese of Minas Gerais; time.

Introdução

Este trabalho faz parte de um projeto que estuda os nomes gerais intitulado *O uso dos nomes gerais (ou genéricos) nos falares mineiros*. Compreendem-se como nomes gerais itens como *coisa, trem, negócio, cara, pessoa, gente, lugar, tempo*, etc. Todos são nomes que apresentam capacidade de ocupar o núcleo de sintagmas nominais e apresentam uma definição composta de traços mínimos.

A esta pesquisa interessa apenas o que chamamos de *nomes gerais de tempo*, isto é, nomes que se distinguem por serem vinculados à noção de tempo e por apresentarem traços distintivos mínimos. Alguns exemplos de nomes gerais são: *tempo, época e momento*.

Os dados analisados neste trabalho são de língua oral, extraídos de doze entrevistas realizadas com informantes moradores da cidade de Caeté, Minas Gerais. Por se tratarem de dados apenas de língua oral, coletados com metodologia da sociolinguística variacionista, esta pesquisa se mostra pioneira em relação ao estudo dos nomes gerais de tempo, como será discutido no decorrer deste trabalho.

A organização deste texto se dá da seguinte forma: a seguir serão apresentadas algumas justificativas para a realização deste estudo e seus objetivos. Depois, serão realizadas uma discussão e uma delimitação teórica dos objetos aqui estudados, e em seguida, serão apresentados as análises e os resultados obtidos no decorrer do estudo. Por fim, haverá algumas considerações sobre os resultados encontrados.

Além do material de referência teórica usado neste trabalho, foram realizadas consultas ao dicionário Houaiss (2009) no decorrer das análises aqui apresentadas.

1 Justificativa e objetivos

Cabe, aqui, destacar o fato de que os itens denominados *nomes gerais* ocorrem nas línguas, sobretudo, na expressão oral, como aponta Koch (2004). Entretanto, o estudo desses itens não foi, até o presente trabalho, realizado de forma aprofundada. Os trabalhos e pesquisas que citam os nomes gerais, na maioria das vezes, analisam as suas funções textuais, como as retomadas anafóricas, por exemplo, e não realizam uma análise e descrição dos itens em si.

Ao tratar dos nomes gerais vinculados à noção de tempo, tais trabalhos foram elaborados com base em outras perspectivas, como Mahlberg (2005), que tem seu estudo pautado na *linguística de corpus*, ou também Evans (2004), que estuda o nome *time* (do inglês) em uma perspectiva da *linguística cognitiva*, o que justifica o desenvolvimento desta pesquisa.

Como destacado acima, existem diferentes nomes gerais na língua, entretanto, a este trabalho interessam apenas os itens que apresentam a noção de tempo. Assim, são objetivos desta pesquisa a identificação e a descrição semântica desses nomes em um *corpus* formado por dados de língua oral da cidade mineira de Caeté.

2 Estudos teóricos

Nesta seção, serão retomados alguns estudos já existentes na literatura linguística, que citam os nomes gerais e também os nomes gerais de *tempo*.

2.1 Os nomes gerais

Alguns trabalhos prévios motivaram esta pesquisa sobre os nomes gerais (ou genéricos), entre eles a obra de Halliday e Hasan (1995), publicada pela primeira vez em 1976. O trabalho foi pioneiro ao tratar dos *general nouns* (em uma tradução literal para o português, *substantivos gerais*) como formas utilizadas para a construção da coesão textual. Os termos estudados pelos autores como nomes gerais foram:

people, person, man, woman, child, boy, girl [human]
creature [non-human animate]
thing, object [inanimate concrete count]
stuff [inanimate concrete mass]
business, affair, matter [inanimate abstract]
move [action]
place [place]
question, idea [fact] (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 274)

Para os autores, os nomes gerais podem ser classificados como itens que estão entre o léxico e a gramática, em outras palavras, os nomes gerais estão no limiar entre *itens lexicais*, que fazem parte do vocabulário da língua (um grupo aberto); e itens gramaticais, isto é, itens que são produtivos dentro de um contexto, mas sem significado fora dele, como as *preposições* e os *artigos*. Halliday e Hasan (1995) ainda pontuam que “[...] não há uma linha nítida entre os itens lexicais e os nomes gerais porque não existe uma linha muito clara entre gramática e vocabulário [...]” (HALLIDAY; HASAN, 1995, p. 281)³.

O processo de gramaticalização já foi muito estudado e relaciona-se ao uso frequente de um item. Quando uma palavra começa a sofrer os efeitos da gramaticalização, desencadeia-se um processo que Heine e Kuteva (2006) dividem em quatro etapas: extensão (generalização de contextos), dessemantização, descategorização (mudança categorial) e erosão (redução fonética).

É nessa transição entre os itens lexicais e os itens gramaticais que se encontram os *nomes gerais*. Fronek (1982) é um dos trabalhos que citam essa posição dos nomes gerais. Ele apresenta

3 Tradução nossa. No original: “But there is no sharp line between substitutes and general words – because there is no very sharp line between grammar and vocabulary [...]”

uma análise da palavra *thing* no inglês e trabalha com graus de gramaticalização. São elaborados três níveis de gramaticalização a partir do estudo do item *thing*: (1º nível) itens com referentes concretos, objetos inanimados (mais lexical, como “some thing”, exemplo do inglês); (2º nível) itens em proforma⁴; e (3º nível) itens que se tornaram morfemas derivativos (totalmente gramatical, como em “something”, que é diferente de “some thing”).

Em um trabalho sobre processos de referenciação, Marcuschi e Koch (2006) citam o uso de nomes gerais no processo de retomadas por rotulação: “Na língua falada, é muito comum a rotulação por meio de nomes gerais, como *fato, problema, caso, circunstância* etc. [...]” (p. 393). Em outro trabalho, Koch (2004) justifica os altos índices de ocorrências de nomes gerais na língua falada, que são chamados pela autora de *termos genéricos*:

O uso de termos genéricos é extremamente comum na língua falada, mesmo entre falantes da norma culta, [...]. Este fato pode ser explicado em termos cognitivos: na fala, em que planejamento e verbalização são quase simultâneos, a busca de um termo mais específico teria maior custo processual, de modo que se torna mais fácil recorrer a um termo imediatamente acessível. (KOCH, 2004, p. 250)

Em resumo, ao falar, muitas vezes, usamos os nomes gerais, pois tais itens possuem um significado mais amplo e podem ocupar o lugar daquilo que não lembramos o nome ou cujo nome desconhecemos. Os termos descritos em Halliday e Hasan, listados acima, são exemplos de itens de fácil acesso no momento da fala.

Kleiber (1987) realiza um estudo de grande importância sobre o item *chose* (do francês, *coisa*). O autor analisa o substantivo e o seu papel discursivo em relação a outros substantivos. Kleiber compara o uso de *chose* com o uso do demonstrativo *ça/c'/ce* (neutro) e começa a desenvolver a tese da ausência de denominação do item *chose*. Por fim, o autor denomina o item como um falso nome contável (*substantif comptable postiche*), que serve, basicamente, para se referir a entidades cujos nomes não conseguimos lembrar.

Em trabalho recente sobre os nomes gerais, Mahlberg (2005) faz uma análise dos nomes gerais, tendo como base inicial os estudos de Halliday e Hasan (1976) já citados nesta pesquisa. Entretanto, os estudos da autora visam a uma abordagem teórica da linguística de *corpus*. Para a

4 *Proforma*: item lexical com grande capacidade de realizar retomadas anafóricas. Fronek (1982, p. 638) cita como exemplo: “I saw Ronald Reagan on TV yesterday. The poor old thing has a lot of trouble with Congress”.

autora, uma definição mais precisa do significado dos nomes gerais tem de começar a partir do contexto de ocorrência de tais itens. Tal método está em consonância com a ideia de que os nomes gerais são itens entre o léxico e a gramática, conforme Halliday e Hasan (1976), pois, apesar de serem substantivos, dependeriam de um contexto para adquirir significado, assim como os itens gramaticais. Mahlberg (2005) esclarece que a língua falada não pôde ser analisada em sua obra, pelo fato de os dados analisados não conterem muitas ocorrências da oralidade, o que justifica, ainda mais, esta pesquisa, uma vez que os dados analisados aqui são puramente frutos da oralidade, mais especificadamente, de dados do português falado em Caeté, no estado de Minas Gerais.

Tomando, ainda, como exemplo, os termos destacados dos trabalhos de Halliday e Hasan (1995), podemos dividir os nomes gerais em alguns grupos, conforme pode ser visto no quadro a seguir:

QUADRO 1
Nomes gerais identificados em Halliday e Hasan (1995), de acordo com seu traço semântico

+humano	-humano +animado	+inanimado +concreto	+inanimado +abstrato	+ação	+lugar
<i>people person man woman child boy Girl</i>	<i>Creature</i>	<i>thing, object</i>	<i>business affair matter</i>	<i>Move</i>	<i>Place</i>

Fonte: HALLIDAY; HASAN, 1995.

Além da separação acima, que foi proposta nos trabalhos de Halliday e Hasan, podemos incluir, levando-se em conta especialmente Mahlberg (2005), mais um grupo de nomes gerais relevante para a pesquisa proposta neste trabalho: os itens vinculados à noção de tempo, como *momento, tempo e época*.

2.2 Os nomes gerais de tempo

Tal como destacamos anteriormente, os estudos sobre os nomes gerais de tempo são ainda bem raros. Alguns nomes com essas características são citados em alguns trabalhos, muito embora o foco dessas pesquisas não seja tais itens. Hernández Muñoz (2011) faz um estudo sobre a categorização do tempo e do espaço no léxico da língua espanhola. Embora o trabalho não tenha, em momento algum, os nomes gerais como foco de estudo, Hernández apresenta algumas considerações sobre os processos de categorização do tempo e do espaço nas línguas, que são importantes para nosso trabalho. Uma dessas considerações relaciona-se com o nível de categorização consciente que os falantes de uma língua fazem do espaço e do tempo, que serve como uma estratégia para a rápida recuperação dos itens lexicais, processo que ocorre com os nomes gerais como já vimos anteriormente. A autora ainda discorre sobre a tendência que os falantes têm em categorizar os itens de tempo e espaço como *abstratos*, em oposição ao *léxico concreto*.

Mahlberg (2005), em seu quarto capítulo, faz uma análise de alguns itens do inglês: *time*, *times*, *year*, *years* e *day*, todos com traços semânticos de tempo. A análise tem o objetivo de observar similaridades entre os significados desses itens, em diferentes ocorrências, e de classificá-las. Algumas das classificações merecem destaque, como:

- *Orientação temporal*: refere-se a um ponto no tempo, ou um período de tempo.
- *Investimento temporal*: expressa como o tempo é usado para um propósito específico.
- *Medição*: representa a contagem do tempo, como horas, minutos etc.
- *Passagem de tempo*: enquadram-se as ocorrências em que a noção de tempo “corre” independente e não pode ser manipulada.

A autora ressalta que as classificações propostas para os nomes de tempo dependem de um contexto estrito e, muitas vezes, as ocorrências são vistas apenas como *expressões da língua* (usos fixos).

Evans (2004), como Mahlberg, faz uma análise da conceituação de tempo no inglês. Entretanto, a autora analisa apenas ocorrências do item lexical *time*. Embora o trabalho de Evans

tenha como foco o desenvolvimento cognitivo, a autora realiza uma classificação do item que é extremamente proveitosa para nossa pesquisa, além de detalhar o método utilizado para a análise das ocorrências. A autora utiliza três princípios, ou critérios, para investigar e classificar as ocorrências do nome *time*, são eles: o *significado* do item no contexto de ocorrência; a *elaboração de um conceito* pelo item, isto é, a estruturação de um significado particular; e, por fim, o critério *gramatical*, do qual a autora se vale, sobretudo, de critérios sintáticos para observar padrões entre as ocorrências.

Evans (2004) apresenta em seu trabalho as classificações que realizou das diferentes ocorrências do item *time* e algumas das noções desenvolvidas pela autora encontram correspondência também nos estudos de Mahlberg (2005). A nós, interessam apenas algumas dessas noções, entre elas os sentidos de:

Duração: “*Time* flies when you’re having fun” (p. 739)

Momento: “The *time* for a decision is approaching” (p. 738)

Contagem: “The *time* is (a) quarter past eight” (p.746)

Agente: “*Time* is the greatest innovator” (p. 744)

Mercadoria: “Remember that time is money” (p.747)

Outra noção expressa pelo nome tempo, presente no trabalho de Evans, é a de *instante*, ou seja, o nome *tempo* evoca o instante de um evento particular, diferente do que ocorre quando o nome expressa a noção de *momento*. Nesse último caso, *tempo* representa o que a autora chama de pontos temporais discretos, ou não particulares. Entretanto, não destacaremos a noção de *instante*, pois ela não se aplica ao português, uma vez que a língua dispõe de um item lexical específico para esse uso: o item *vez*, como em: “cinco vezes” (“five times”, do inglês). As noções de sentido desenvolvidas por Evans são de extrema utilidade para a análise que propomos nesta pesquisa, já que outros itens lexicais com traços semânticos de tempo serão analisados, não somente o item *tempo* (*time*, do inglês).

3 Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram usados dados coletados a partir de entrevistas orais, que foram previamente transcritas em arquivo de texto. Para tal transcrição, utilizamos o *software* de edição de texto *Microsoft Word*.⁵ As entrevistas foram gravadas com informantes da cidade de Caeté, no estado de Minas Gerais. A cidade de Caeté situa-se na região metropolitana de Belo Horizonte e tem pouco mais de 40.000 (quarenta mil) habitantes. É uma cidade de grande riqueza cultural e historicamente muito importante para o estado. Foi palco de grandes acontecimentos, como a *Guerra dos Emboabas*, e foi uma cidade presente no *Ciclo do Ouro*. Tais informações foram descritas pelos informantes no momento das entrevistas.

MAPA 1
Localização da cidade de Caeté-MG (2014)



5 Microsoft Word. Versão: 14.0.4760.1000. Pacote: Microsoft Office Professional Plus 2010.

O *corpus* usado para análise contém 12 gravações de entrevistas realizadas entre dezembro de 2011 e março de 2012, com dezesseis informantes, sendo oito homens e oito mulheres, de diversas faixas etárias (dos 25 aos 79 anos), e contém aproximadamente 93.600 palavras.

A escolha dos entrevistados seguiu a metodologia de pesquisa dos estudos sociolinguísticos conforme os trabalhos de Labov (1968). Variáveis externas, como grau de instrução, sexo e idade foram observadas na seleção dos participantes, porém, esta pesquisa, particularmente, não controlou a influência de tais fatores no momento das análises dos dados.

Durante a coleta de dados para análise, foram selecionadas as ocorrências de nomes gerais vinculadas à noção de tempo, *tempo*, *época*, *momento*, *período*, *fase*, *bocadinho*. Foram selecionadas também suas variações de número e grau (aumentativo e diminutivo), quando observadas, vale destacar que, por se tratar de dados de língua oral, as variações nem sempre seguem a norma padrão, ocorrendo palavras como *tempim* ou *bocadim*.

4 Análise dos dados

Nesta seção, iniciaremos a análise dos dados que foram coletados para este trabalho. Inicialmente, com as entrevistas já transcritas em arquivo de texto, as mesmas foram lidas uma a uma e as ocorrências de nomes gerais vinculados à noção tempo foram selecionadas, conforme descrito na metodologia. A partir de então, os dados foram submetidos a análises de caráter semântico de forma individual, ocorrência por ocorrência.

4.1 Breve descrição quantitativa

A análise do *corpus* resultou na coleta de 154 nomes gerais de tempo, conforme mostra a tabela a seguir:

TABELA 1
Ocorrências de nomes gerais de tempo no *corpus*

Nomes gerais de tempo		
Nome geral	Ocorrências	%
<i>Tempo</i>	86	55,8
<i>Época</i>	55	35,7
<i>Momento</i>	6	3,9
<i>Período</i>	4	2,6
<i>Fase</i>	2	1,3
<i>Bocadinho</i>	1	0,6
Total	154	100,0

Uma análise da tabela 1 nos mostra que o item tempo é o item com maior número de ocorrências no corpus. Amaral (2003), em uma análise de alguns nomes gerais, observou um alto índice de ocorrências dos itens coisa e pessoa, e considerou tais nomes como prototípicos da categoria nomes gerais. Podemos, assim, classificar o nome tempo como prototípico de sua categoria (nomes gerais de tempo). Contudo, essa classificação se baseia apenas no número de ocorrências, isto é, na frequência de uso de tal nome geral pelos falantes.

4.2 Análise dos nomes gerais vinculados à noção de tempo

Aqui, faremos a análise de cada um dos nomes gerais vinculados à tempo que puderam ser observados nos dados. A fim de uma melhor visualização dos dados e descrição de cada um dos casos, os nomes foram separados em diferentes seções.

4.2.1 *Tempo*

Conforme dissemos anteriormente, o item *tempo* apresentou o maior número de ocorrências dentro da categoria de nomes gerais de tempo. Pautando-se nos trabalhos teóricos, analisamos os dados a fim de verificar se o item *tempo* apresenta diferentes ocorrências de sentido, e, assim, buscar uma justificativa para ele ser, dentre os nomes gerais de tempo, o item mais usado pelos falantes.

Faz-se necessária uma pequena observação com relação ao nome geral *tempo*: este nome apresentou três ocorrências que não puderam ser classificadas, pois mostram usos metafóricos do nome *tempo*, vejamos:

- (1) “o **tempo** voa... quando cê tá dento do negócio cê tá distraído...” (H, 63) ⁶.
- (2) “manda fazer o projeto que aquele num tá bão só vai enrolando o **tempo**...” (H, 63).
- (3) “é puque... a gente fica... fica voltano no **tempo** é? e a gente que pen/vê lá a cidade como era e como é hoje...” (H, 63).

Decidimos por não incluir essas ocorrências nas análises, pois elas distanciam-se dos demais usos e sentidos do nome *tempo* investigados nesse trabalho. Nas demais ocorrências, conseguimos identificar significados para o item *tempo*, que serão descritos individualmente a seguir.

4.2.1.1 Momento/orientação temporal

Foram encontradas ocorrências do item *tempo* nas quais há uma equivalência de sentido a *momentos temporais* (Evans, 2004). Em alguns usos, o nome apresenta a função de *orientação temporal*, isto é, delimita certos pontos no tempo, ou diferentes intervalos de tempo (um ponto

⁶ Dados referentes ao informante, em que H = Homem, M = Mulher, Idade.

inicial e um ponto final, que não precisam estar expressos no texto, mas são subentendidos pelo interlocutor). Alguns exemplos:

- (4) “hoje ixiste aqui né... é... na escola uma escola profissionalizante desd[e] o **tempo** aqui que/que a Ferro Brasileira fez um convênio com o Senai...” (H, 33).
 (5) “o/o empregado chegava um **tempo** que tava disligano...” (H, 33).
 (6) “eu/eu des do meu **tempo** de estudante... né?” (H, 33).

Nos exemplos, conseguimos perceber a existência de diferentes intervalos de tempo aos quais o nome *tempo* faz referência. O nome serve para marcar diferentes momentos temporais, uma forma de orientação temporal. Na tentativa de observar se os falantes poderiam optar por outro nome geral no momento da fala, substituímos o item *tempo* pelo item *época*, também coletado do *corpus* (cf. tabela 1):

- (4a) hoje ixiste aqui né... é... na escola uma escola profissionalizante desd[e] a **época** aqui que/que a Ferro Brasileira fez um convênio com o Senai...
 (5a) o/o empregado chegava uma **época** que tava disligano...
 (6a) eu/eu des da minha **época** de estudante... né?

Os dados mostraram que existe tal possibilidade de escolha entre os itens, entretanto, nem todos os nomes gerais com traço [+tempo] estariam sempre aptos a substituir o nome *tempo*, como veremos mais adiante. Com relação ao nível sintático, nenhuma das ocorrências classificadas aqui apresentou *quantificadores* (muito/muitos/pouco/poucos) do item *tempo*, diferente de outros contextos, nos quais esse recurso mostrou-se extremamente comum.

4.2.1.2 Medida de tempo

As ocorrências do item *tempo* com a interpretação de *medida de tempo* mostraram-se muito recorrentes, 41 ocorrências (em um total de 86 ocorrências para o item). Esse traço de sentido foi o que apresentou maior heterogeneidade ao tentarmos aplicar as classificações propostas por Evans (2004) e Mahlberg (2005). Nos exemplos 7 e 8, temos casos em que o item

tempo funciona como uma medida do tempo e tem a função de *contar* o tempo, como fazemos com *anos*, *horas*, *minutos* (que não são nomes gerais):

(7) “daqui lá na cachuera é quanto **tempo**?” (M, 25).

(8) “aí com o passar do **tempo** primeiro tem essa coisa da rejeição” (H, 44).

Já nos exemplos 9 e 10, o sentido do item *tempo* não está somente na contagem do tempo, ele delimita um *intervalo de tempo*, uma determinada duração do tempo:

(9) “só que nem classe memo eu trabalhei pouco **tempo** porque fiquei só dois anos em classe” (M, 66).

(10) “tem das vezes dia que eu vou lá pra igreja fico lá um **tempo** lá ninguém nem sabe que tem ninguém na igreja intãonum pode ficar aberto” (H, 65).

Assim, nota-se a presença de diferentes usos dentro de uma mesma noção semântica para o item *tempo*. Ele funciona como um medidor do tempo, contando o tempo e delimitando diferentes intervalos de duração. Nos exemplos 7, 8, 9 e 10, os falantes poderiam optar por outros itens ao invés do nome geral *tempo*, como podemos ver nas substituições realizadas durante as análises:

(7a) daqui lá na cachuera é quantos **minutos**?

(8a) aí com o passar dos **anos** primeiro tem essa coisa da rejeição

(9a) só que nem classe memo eu trabalhei poucos **anos** porque fiquei só dois anos em classe

(10a) tem das vezes dia que eu vou lá pra igreja fico lá um **período** lá ninguém nem sabe que tem ninguém na igreja intãonum pode ficar aberto

Em 7a, 8a e 9a vemos que itens não gerais poderiam ser usados sem ocasionar grandes alterações no sentido das sentenças. Isso ocorre porque, nesses casos, o item *tempo* tem exatamente o mesmo sentido de nomes de *medição do tempo*, que são nomes de maior conteúdo semântico. Já em 10a, o item que poderia ser escolhido pelo falante é *período*, que é um nome geral, isso é possível porque as interpretações para o item *tempo* não se restringem a medidas exatas, como horas ou anos, sobretudo quando há a delimitação de um intervalo de tempo de duração desconhecida.

Essa capacidade que o nome geral *tempo* possui de ser substituído por itens não gerais, como *hora*, *mês*, *anos*, é mais uma prova de como esse item lexical pode ser usado em diferentes contextos, o que explica seu alto índice de ocorrências no *corpus*.

4.2.1.3 Referência ao passado

Um grupo de quatorze ocorrências foi classificado semanticamente como *referência ao passado*, essa classificação não aparece em estudos anteriores sobre os nomes de tempo e foi observada nos dados desta pesquisa. Em todos esses casos, houve a presença das construções: *tem muito tempo*, *tem pouco tempo* e um caso de *há muito tempo*. Todas essas ocorrências apresentaram a noção de referência a eventos do passado, seguem alguns exemplos:

- (11) “eu tava conversando com o dono do comércio ali que trocou ele comprou **tem pouco tempo** né” (H, 65).
- (12) “tirô essa foto **tem muito tempo?**” (H, 57).
- (13) “tinha mais esse ano () **há muito tempo** tinha sempre” (M, 45).

Nos casos das sentenças acima, o nome geral *tempo* funciona como um item para indeterminar o sentido da expressão. Em outras palavras, ao optar por *tem muito tempo*, como em 9, o falante deixa vago qual é a lacuna de tempo em que o evento do passado ocorreu. Assim, caso o falante optasse por dizer *tem muitos meses*, ele estaria delimitando um intervalo de tempo mínimo para a ocorrência do evento no passado (partindo do tempo presente como referente).

Há a hipótese de que as ocorrências observadas aqui sejam estruturas relativamente fixas, isto é, expressões que estão se consolidando na língua, entretanto, isso é apenas uma observação que demandaria maiores estudos para ser comprovada ou não.

4.2.1.4 Disponibilidade

Nessa classificação, o uso de *tempo* apresentou algumas características interessantes. Todas as ocorrências são formadas por construções semelhantes: um verbo seguido de sintagmas preposicionadas ou nominais com núcleo *tempo*. Em nenhuma das ocorrências o núcleo poderia ser outro nome vinculado à noção de tempo, geral ou específico, com exceção de uma única ocorrência, a qual se caracteriza por ser, também, a única com verbo *levar*. Aplicando as noções teóricas de Mahlberg (2005), tais ocorrências foram classificadas como *investimento temporal*. Temos, então, um caso bem diferente dos que vimos até o momento. Seguem alguns exemplos:

- (14) “eu teria que disponibilizar de **tempo** pra estar lá” (M, 66).
- (15) “se... tivesse mais **tempo** eu tenho aqui agora... tá até em/em/em DVD...” (H, 68).
- (16) “se for o caso aqui é só levar um **tempim** eu pego meus holerites que eu tenho guardado desde mil novecentos e setenta aqui” (H, 68).

Nessas ocorrências, o contexto formula-se da seguinte maneira: o falante expõe que precisa ter uma determinada disponibilidade para investir em determinada ação.

Vale ressaltar que a impossibilidade de se usarem outros nomes de tempo, ao invés de *tempo*, dá-se pelo fato de que o item, nessas condições, é empregado na sua forma mais abstrata, não apresentando traços de sentido que estão contidos em outros nomes.

4.2.1.5 Simultaneidade

A noção de simultaneidade não foi observada em nenhum dos trabalhos teóricos estudados aqui, mas foi encontrada no *corpus*. Entretanto, a interpretação aqui analisada não é construída pelo nome *tempo*, mas, sim, por outro item do contexto, o termo *mesmo*. Assim, as

ocorrências, cuja interpretação foi de *simultaneidade*, apresentam sempre a mesma construção, seguem os casos observados no *corpus*:

- (17) “ensino médio e profissionalizante **ao mesmo tempo**” (H, 68).
 (18) “ia e voltava **ao mesmo tempo**... e com isso e[le] levava gente ruim” (H, 63).

Embora a interpretação não surja do nome geral usado, ele desempenha um importante papel no contexto, funcionando, na maior parte dos casos, como um item para indefinir o intervalo de tempo do qual se fala. Em 18, por exemplo, caso o falante empregasse *dia* ao invés de *tempo*, ele estaria determinando o intervalo de tempo.

4.2.2 *Época*

No caso do nome geral *época*, o segundo mais numeroso nome geral de tempo, foram observadas duas tendências de ocorrências. Um dos usos do nome, e também o menos observado no *corpus*, está ligado à noção de *eventos recorrentes*, observe:

- (19) “intão fica fácil vender e **época** de/de natal” (M, 66).
 (20) “ali no ginásio que foi onde é o poliesportivo ali cê passava lá tava branquinho... na **época** de frio... hoje em dia parece que subiu um pouco a... o clima né?” (H, 73).

Nesses dois exemplos, vemos o nome *época* usado como forma de delimitar um intervalo de tempo específico para eventos que são recorrentes, como *o natal* ou *época de frio* (inverno).

Já o segundo contexto de ocorrências (mais observado no *corpus*) não está relacionado a intervalos de tempo específicos, mas sim, a intervalos de tempo sem uma delimitação clara:

- (21) “eu acho que nossa **épocafo**/foi a última a apruveitar um poquinho” (M, 25).
 (22) “tudo que cê tinha que fazer em Caeté era a pé na **época**” (H, 65).

Os exemplos acima ilustram, também, outra característica observada nos dados: o nome geral *época*, na maior parte dos casos, faz referência a intervalos de tempo do passado, exceto nos casos os quais a referência é a eventos recorrentes.

Podemos notar, portanto, que o item *época* apresenta um menor número de interpretações, sendo classificado como *orientação temporal*, nas noções de Mahlberg (2005), isto é, ele marca apenas intervalos, pontos, no tempo; o que explica sua menor ocorrência no *corpus* em relação ao nome geral *tempo*, que apresenta uma capacidade referencial maior.

4.2.3 *Momento*

Para auxiliar a análise do nome geral *momento*, foi necessária a consulta de sua definição em uma obra lexicográfica. Vejamos como o dicionário Houaiss (2009) trata o nome *momento*:

“1 espaço de tempo indeterminado, ger. breve; instante”
“2 ponto determinado do tempo; altura, instante, hora”

Ao analisarmos as ocorrências de *momento*, notamos que os usos desse nome se aproximam das definições apresentadas pelo dicionário Houaiss (2009). O nome geral é capaz de fazer referência a intervalos de tempo mais curtos, específicos (como em 23 e 24) ou não específicos (como em 22) Nesse último exemplo, se pensarmos na duração da conversa (contexto da frase) poderíamos ter um intervalo de tempo específico, porém, como esse é um evento inconstante (pode durar minutos, ou até horas), optamos por não o considerar na análise. :

- (23) “tem **momento** o da confissão” (H, 65).
- (24) “dá aquele **momento** de silêncio” (H, 65).
- (25) “só um **momento** que eu tôcunverso... tá... [o]brigado...” (M, 25).

Devido ao baixo número de casos, maiores observações não puderam ser feitas.

4.2.4 Período e fase

Aqui, apresentamos a análise dos nomes *período* e *fase*, os dois foram analisados juntos pois apresentam, ao nosso entendimento, muita similaridade no uso. Outra vez precisamos realizar uma consulta ao dicionário Houaiss (2009) para nos auxiliar na análise desses nomes. Encontraram-se as seguintes acepções para os nomes *período* e *fase*:

Período: “3 fase, época em que vigora certa maneira de ser, agir, pensar etc.”

Fase: “1 cada um dos estados de algo em evolução ou que passa por sucessivas mudanças, 2 período ou época com características próprias”

Embora, segundo as definições, tais nomes possam ser tomados como sinônimos, não é o que se observa nos dados. Nos exemplos abaixo (27 a 29), os nomes gerais não poderiam ser substituídos uns pelos outros. O nome *fase*, segundo o dicionário, carrega a noção de intervalos de tempo que se seguem e que demonstram certa evolução, exatamente como observado no exemplo (26) e (27), no qual o informante se refere aos diferentes estágios da vida de Cristo:

(26) “aqui ó aqui é nascimento... adolescência e a morte... as três **fase**” (H, 63).
[fase = refere-se às etapas da vida de Jesus Cristo]

(27) “as três **fase** mai[s] acho que vai dá reflexo” (H, 63).

Considerando as quatro ocorrências do nome *período*, observamos uma mesma interpretação em todos os casos, são intervalos marcados no tempo, e todas as ocorrências fazem referência a intervalos *específicos*, como em:

(28) “e... no meu **período** de férias... aí dava aula de reforço pros alunos do/do ensino...” (H, 68).

(29) “porque (eu) tive um problema de saúde... problema na/é... um retinopatia diabética... aí que quase que eu perdi as vis/a visão... intão aí eu falei... ah num adianta... eu paro com isso... aí fique só com as aulas mesmo aí... e tudo mais... né? e nesse **período** também depois em noventa e nove...” (H, 68).

A substituição de *período* por *fase* nas frases acima não é cabível aos contextos evidenciados pelos informantes, considerando que o nome *fase* além de marcar um intervalo de tempo, ele demonstra a evolução de algo (fases da vida, fases da carreira acadêmica), o que não parece acontecer no uso do nome *período*. Levantamos a hipótese de que esses nomes sejam *quase sinônimos*, e se distanciam na capacidade referencial, porém, tal informação precisaria ser comprovada a partir de outro *corpus*.

4.2.5 Bocadinho

O nome geral *bocadinho*, diminutivo de *bocado*, apresentou uma ocorrência no *corpus* analisado:

(30) “aí passa só a noite lá faz bagunça até quatro hora da madrugada... cuchila um **[bo]cadinho** e vem [em]bora... o almoço fazer a bagunça com as neta é aqui em casa mesmo...” (M, 79).

Vale comentar que, na transcrição, a primeira sílaba do nome vem entre colchetes (marcação padronizada em todas as transcrições, desta pesquisa, para supressões de fonemas), isto significa que, no momento da fala, o informante suprimiu o seguimento marcado, pronunciando apenas parte do item: *cadinho*.

Em consulta ao dicionário Houaiss (2009) observamos a seguinte definição para o termo *bocado*:

“4 Derivação: por analogia (da acp. 2). fração de uma coisa; pedaço, porção. 4.1 Derivação: por analogia. curto período de tempo”

Assim, podemos notar que o nome não carrega em si a noção de tempo, porém, por ter a capacidade de se referir a frações ou partes de “algo”, acaba sendo empregado, por analogia, para

se referir a curtos períodos de tempo. A própria forma *bocadinho* já é marcada pelo dicionário Houaiss (2009) em uma entrada distinta:

“1 pequena quantidade de alguma coisa; pouquinho. 2 curto período de tempo”

Como destacado antes, há uma redução fonológica da palavra *[bo]cadinho*, fenômeno comum em nomes como *negócio*, realizado /ne'gɔs/, o que aponta para o processo de gramaticalização desse nome (de mais específico para mais geral).

5 Considerações finais

Desde o início desta pesquisa, reiteramos como os nomes gerais são extremamente proveitosos na fala por serem itens com uma capacidade referencial ampla e de funcionamento em diversos contextos, demandando pouco esforço cognitivo para serem acionados no momento da fala, como afirma Koch (2004); tal definição pôde ser observada também com relação aos nomes gerais vinculados à noção de tempo.

O nome geral *tempo* foi o mais recorrente do conjunto recortado, e durante as análises pôde-se destacar um motivo para esse alto índice de ocorrências; ficou claro que o número de vezes que o item *tempo* é usado está ligado ao fato do nome ser mais “vazio” de significado do que outros itens, como *época* ou *período*. Em outras palavras, o nome *tempo* tem em si a noção de tempo (de ordem cronológica) e tem uma capacidade referencial ampla, isto é, pode ser usado para definir *intervalos de tempo*, *contar o tempo* (horas, dias, anos) e até mesmo fazer referências a eventos no passado (tempo cronológico), por exemplo. Não podemos deixar de destacar que essa característica foi notada em outros nomes, como em *época*. O que diferencia o nome geral *tempo* do nome *época*, é o fato do segundo ocorrer em um número mais restrito de contextos, assim, podemos concluir que, apesar de ser um nome geral, o nome *época* tem menor capacidade referencial do que o nome *tempo*; por exemplo, *época* consegue marcar intervalos no tempo,

porém, não consegue medir o tempo (horas, minutos, dias) característica observada no nome geral *tempo*.

Vale comentar também o que acontece nas ocorrências do nome *período*, diferente de *tempo*, esse nome geral que teve um número baixo de ocorrências. Os contextos em nome *período* ocorrem são mais específicos, o nome geral apenas faz referências a *intervalos de tempo*, e todas as ocorrências são definidas pelos elementos diretamente ligados ao nome no contexto. Vale salientar que essa análise precisa ser verificada em um *corpus* com maior número de dados.

Apenas devemos destacar que os itens aqui analisados são um objeto pouco estudado, uma vez que os trabalhos existentes não se propõem a analisar os nomes gerais vinculados à noção de tempo de forma ampla, sobretudo com dados de língua oral. Os resultados aqui apresentados se referem a um volume pequeno de dados pertencentes a apenas uma localidade, que é a cidade mineira de Caeté. Mesmo assim, esperamos que esse trabalho contribua para o estudo dos nomes gerais e que novas pesquisas possam ser desenvolvidas, no intuito de enriquecer e aumentar o conhecimento a cerca desses itens.

Referências

- ABREU, R. L. *Localização da cidade de Caeté-MG*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9#mediaviewer/File:MinasGerais_Municip_Caete.svg>. Acesso em: 7 set. 2014.
- AMARAL, E. T. R. Os nomes gerais em três localidades mineiras: Campanha, Minas Novas e Paracatu. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 138-151, 2013.
- EVANS, V. How we conceptualise time: language, meaning and temporal cognition. In: EVANS, V.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. *The cognitive linguistics reader*. London: Equinox Publishing Limited, 2007. p. 733-765.
- FRONEK, J. *Thing* as a function word. *Linguistics*, Haia, v. 20, n.9-10, p. 633-654, 1982.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London/New York: Longman, 1995 [1976].

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The changing languages of Europe*. Oxford: University Press, 2006.

HERNÁNDEZ MUÑOZ, N. Sobre la categorización del tiempo y el espacio en disponibilidad. In: HERNÁNDEZ SOCAS, E.; SINNER, C.; WOTJAK, G. (Eds.). *Estudios de tiempo y espacio en la gramática española*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2011. p. 175-196.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

KLEIBER, G. Mais à quoi sert donc le mot chose? Une situation paradoxale. *Langue Française*, v. 73, p. 109-128, 1987. Disponível em:
<http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_00238368_1987_num_73_1_6431>.
Acesso em: 8 ago. 2011.

KOCH, I. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 244-262.

MAHLBERG, M. *English general nouns: a corpus theoretical approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1, construção do texto falado. Campinas: UNICAMP, 2006, p. 380-399.

Recebido em: 14/9/14

Aceito em: 10/10/2014